

## **Relações fluidas no Facebook: uma análise netnográfica a partir do período eleitoral de 2014**

Marcella Moras Ronconi<sup>1</sup>

Andrey Albuquerque Mendonça<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, SP

### **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo a investigação da fluidez das relações humanas no Facebook, especialmente, a partir do período eleitoral de 2014. Para compreender essa liquidez relacional, nos apoiaremos nas ideias de Zygmunt Bauman e catalogaremos alguns discursos com conteúdo político dos usuários da rede social, uma vez que esta se tornou palco de extensas discussões desde o período citado. Nun segundo momento utilizaremos a netnografia para analisar e categorizar as postagens selecionadas, com isso, pretendemos obter dados que levem à reflexão acerca da modernidade líquida, mais especificamente nas formas de comunicação constituídas a partir das redes sociais, buscando compreender como o discurso político e o comportamento humano estão em transformação.

**Palavras-chave:** política; modernidade líquida; Facebook; relações humanas.

### **Introdução**

O momento presente, de acordo com Zygmunt Bauman, é caracterizado como modernidade líquida. Época de fluidez, de volatilidade, de incerteza e de insegurança, em que toda a solidez e os referenciais da época anterior são retirados do palco para dar espaço a lógica do agora, do consumo e da artificialidade. O grupo de parentesco, a comunidade tradicional fechada e isolada, os laços e obrigações sociais fundados na afetividade e na tradição, a religião, dentre outros, foram, de certa forma, “derretidos” pelo progresso moderno. (BAUMAN, 2007)

O mercado, que tem atuado como intermediário nas atividades de estabelecer e desmanchar relações interpessoais possui a capacidade de aproximar e separar pessoas, de

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do 3º Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM-SP, email: [marcella.ronconi@acad.espm.br](mailto:marcella.ronconi@acad.espm.br)

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social, Mestre em Teologia, Mestre em Filosofia da Religião e Professor de Filosofia e Humanidades da ESPM-SP, email: [andrey.mendonca@espm.br](mailto:andrey.mendonca@espm.br)

alterar as relações humanas no trabalho, no lar, no domínio público e nos mais íntimos domínios privados. Transmite aos lares a mensagem de que tudo é ou poderia ser uma mercadoria e como tal deve ser tratado. Isso significa dizer que as coisas deveriam ser “líquidas” como mercadorias e devem ser encaradas com suspeita ou rejeição caso se recusem a se enquadrar no padrão de pouca duração dos objetos de consumo. Bauman (2007) descreve que uma das formas a partir da qual é possível visualizar a fragilização dos vínculos são as relações virtuais.

A compressão do espaço-tempo foi ampliada com os smartphones, nos quais podem ser executados programas chamados aplicativos, um dos mais populares é o Facebook. Então, o indivíduo passou a ter a sensação de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Além disso, a velocidade da informação, além de encurtar as distâncias, cultivava hábitos de imediatismo e de pressa.

Fazer parte de uma rede social pode proporcionar ao indivíduo a sensação de acesso ao mundo e de pertencimento ao grupo. Essas redes possibilitam iniciar contatos por meio de “clicks” de aceitar e também desfazê-los por “clicks” de deletar. Com essa possibilidade, multiplicam-se os contatos e as chances de relação com o outro num intervalo mínimo de tempo. Então, no ciberespaço ninguém jamais fica fora ou distante. Ao mesmo tempo em que jamais se está solitário, é possível se sentir protegido e menos sobrecarregado de expectativas, em vista da facilidade de apagar algo inconveniente. A internet torna possível a aproximação e afastamento de forma muito rápida (TURKLE, 2011).

No segundo semestre de 2014, a rede foi palco de grandes discussões acerca das eleições para presidência do país. Esse período, de acordo com a Agência EFE, gerou 674,4 milhões de interações, as conversas sobre eleições brasileiras envolveram 48,3 milhões de pessoas, o equivalente a 54% de todos os usuários ativos. Esse evento, segundo Bruno Magrani, diretor de relações institucionais do Facebook no Brasil, foi um dos maiores eventos vividos na plataforma neste ano<sup>3</sup>. Não só grande volume de postagens com conteúdo político, mas o discurso subjacente a elas, os desentendimentos consequentes e a forma com que é feita chamam muita atenção.

---

<sup>3</sup> Dados extraídos da reportagem da Agência EFE, disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/10/eleicoes-brasileiras-batem-recorde-de-interacoes-no-facebook.shtml>> acesso em fevereiro de 2015.

Considerando esse fato e seus desdobramentos até o presente, essa pesquisa tem como objeto de estudo a interação de usuários do Facebook a partir o período eleitoral de 2014, a fim de investigar a fluidez das relações e até que ponto esta está presente na exclusão de amizades, na formação de grupos, na mudança de ideologias e de engajamento político.

A fim de nortear a pesquisa, propusemos uma questão central e uma hipótese a ser testada quais são, respectivamente:

A Ágora na Grécia antiga era o espaço de discussão dos cidadãos, sobre os assuntos da *polis*, poderia o Facebook ser a versão contemporânea desse espaço que para Aristóteles é o berço da democracia?

A partir dos conceitos propostos por Bauman, uma possível resposta à pergunta acima é que em tempos líquidos, as discussões com conteúdo político no Facebook, embora tenham um caráter passageiro, são mobilizadoras de afetos das mais variadas matizes. Se por um lado, questões da vida pública são levantadas, o tratamento dado nas discussões se fundamenta mais em opiniões pessoais do que no interesse coletivo.

O projeto em andamento está dividido em duas etapas metodológicas que são:

- Pesquisa bibliográfica e documental sobre os seguintes temas: modernidade líquida, Facebook e engajamento político. Essa metodologia explica um problema a partir de referências teóricas publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. (CERVO, 1983).
- Netnografia; pesquisa de caráter qualitativo, para analisar e categorizar postagens com conteúdo político na rede social Facebook. Metodologia para estudos na Internet (HINE, 2000) e um método interpretativo e investigativo para o comportamento cultural e de comunidades online (KOZINETS, 2002).

### **A dissolução das relações contemporâneas**

No prefácio da obra “Modernidade Líquida” o sociólogo Zygmunt Bauman (2001, página 7) explica o porquê da “fluidez” como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna. Os fluidos não mantem sua forma com facilidade, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Ignora-se o tempo ao descrever sólidos, mas o tempo é essencial na

descrição de fluidos, uma vez que estes contam com uma extraordinária mobilidade. Essa última característica associa os fluidos à ideia de leveza, já que associamos ausência de peso à mobilidade e inconstância. Aponta-se, ainda, que a modernidade talvez tenha sido um processo de “liquefação” desde o começo.

Há mais de um século e meio, os autores do Manifesto comunista, cunharam a frase “derreter os sólidos” para ilustrar a teoria de que o capitalismo como modo de produção ruiria por si mesmo, e essa ideia é retomada por Bauman:

Essa forma de derreter os sólidos deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles. (Bauman, 2001)

O derretimento dos sólidos levou, então, à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Os primeiros sólidos a derreter foram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações. Esta forma de derretimento fragilizou a complexa rede de relações sociais, tornando-a impotente para resistir aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios. Este desvio permitiu a invasão e a dominação da racionalidade instrumental, ou para o papel determinante da economia. (Bauman, 2001).

Na perspectiva do filósofo inglês Thomas Hobbes, depois desenvolvida por Émile Durkheim, não há outro caminho para o indivíduo buscar a libertação senão submetendo-se à sociedade e seguindo suas normas. Padrões e rotinas fazem com que os homens saibam como agir na maior parte do tempo, e que raramente se encontrem em situações em que as decisões devem ser tomadas com a própria responsabilidade e sem o conhecimento das consequências. A coerção social é, na filosofia social compreensiva de Durkheim, a força emancipadora, e assim, a única esperança de liberdade a que um humano pode aspirar razoavelmente. (DURKHEIM, *apud* BAUMAN, 2001)

Ao mesmo tempo em que a sociedade não reconhece mais qualquer alternativa para si mesma, a sociedade da modernidade fluida é inóspita à crítica, acomoda o pensamento e a ação críticos de modo que permaneça imune a suas consequências, saindo intacta e sem cicatrizes. Concordando com Giddens, Bauman diz que somos reflexivos individualmente e estamos sempre prontos a corrigir nossos rumos, mas, abandonamos o espaço da ágora – o espaço da política. Duas características fazem nossa modernidade nova e diferente da do século XX: o colapso gradual da antiga ilusão moderna de que há um fim no caminho que andamos, isto é, um Estado de perfeição a ser atingido futuramente, e a desregulamentação e

privatização das tarefas e deveres modernizantes. A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Na modernidade, os vínculos humanos têm a chance de serem desfeitos a qualquer momento, causando uma disposição ao isolamento social, onde um grande número de pessoas escolhe vivenciar uma rotina solitária. (GIDDENS, *apud* BAUMAN, 2001).

Compreender esse tipo de isolamento na época da globalização é intrigante, uma vez que é marcada pelo ápice do período da informação e comunicação. Tudo ocorre com intensa velocidade, o que também se reflete nas relações entre as pessoas. Deve-se lembrar que talvez isso ocorra devido as inovações tecnológicas, os governos, a mídia e o mercado que produziram um ambiente em que é cada vez mais fácil “apagar, desistir, substituir”. Então, a transformação dos próprios homens em mercadoria produz um sentimento de fragilidade e incerteza que passou a dominar todas as esperas da vida humana. (Bauman, 2001)

Qualquer oportunidade que não for aproveitada aqui e agora é uma oportunidade perdida; não a aproveitar é assim imperdoável e não há desculpa fácil para isso, e nem justificativa. Como os compromissos de hoje são obstáculos para as oportunidades de amanhã, quanto mais forem leves e superficiais, menor o risco de prejuízos. (BAUMAN, 2001, p. 187)

Essa lógica acima é aplicada a diversos âmbitos da vida humana, inclusive ao campo dos relacionamentos, em que, no estágio líquido da modernidade, a forma predominante de convívio humano é o relacionamento em que cada uma das partes entra pelo que cada um pode ganhar e pode ser rompido a qualquer momento. A fragilidade, a fluidez e a transitoriedade são a marca de todas as espécies de vínculos humanos na modernidade líquida. Como investimento que é, o relacionamento pretende um lucro que, no caso, é a segurança. No entanto, as promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo. Tais relações Bauman (2001) denomina como relações de bolso, das quais se pode lançar mão quando necessário. Dessa forma, os relacionamentos passam a ser chamados de conexões, já que em rede, as conexões podem ser feitas, desfeitas e refeitas, isto é, os indivíduos estão sempre aptos a se conectarem e desconectarem conforme sua vontade.

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares [...] uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. [...] A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha (BAUMAN, 2004, p. 12).

Na contemporaneidade, as redes sociais apresentam-se como uma nova forma de estabelecer contatos e formar vínculos. Dessas redes, o Facebook, por exemplo, torna-se atraentes a medida que é tão fácil se desconectar. O contato face a face é, no meio virtual, substituído pelo contato tela a tela, e nele a interação pode ser desfeita ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha de forma desagradável.

Imagine que o que você tem não são amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line, conexões reais, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Assim, romper relações é sempre um evento muito traumático, você tem que encontrar desculpas, tem que se explicar, tem que mentir com frequência, e, mesmo assim, você não se sente seguro, porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é sujo etc., é difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona "delete" e pronto, em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos. (BAUMAN, 2011)

### **Manifestações políticas**

Desde 2013, o Brasil foi palco de diversas manifestações, espontâneas ou não, com objetivos distintos, comportamentos opostos, partidárias e apertidárias, off-line ou online. De qualquer forma, viu-se, após um longo tempo, o brasileiro demonstrar sua insatisfação com o país ou com algum aspecto dele. Esse fato pode ser observado na obra *Em busca da política* ao relacioná-la com o cenário político mundial e brasileiro atual.

Com efeito, achamos que a questão da liberdade, por exemplo, pelo menos na "nossa parte" do mundo, está concluída e (descontando correções menores aqui e acolá) resolvida da melhor maneira possível; de qualquer forma, não sentimos necessidade (de novo, salvo irritações menores e fortuitas) de ir para as ruas protestar e exigir maior liberdade do que já temos ou achamos ter. Mas, por outro lado, tendemos a crer com a mesma convicção que pouco podemos mudar - sozinhos, em grupo ou todos juntos - na maneira como as coisas ocorrem ou são produzidas no mundo; e acreditamos também que, se pudéssemos mudar alguma coisa, seria inútil e até irracional pensar num mundo diferente do que existe e aplicar os músculos em fazê-lo surgir por acharmos que é melhor do que este aqui. (Bauman, 1999)

Em junho de 2013, ocorreu, em várias cidades do país, uma onda de manifestações populares que reuniu milhões de pessoas, com similares em alguns poucos momentos da história ressentida do país: em 1992, no impeachment do ex-presidente Collor de Melo; em 1984, no movimento “Diretas Já” ainda no período do regime militar durante a luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralizações pré-golpe militar de

1964, e nas passeatas estudantis de 1968. Em linhas gerais, as manifestações de 2013 demonstravam, majoritariamente, o descontentamento face a conjuntura política nacional. A onda de manifestações registrada a partir desse período surgiu com reivindicações heterogêneas, inicialmente motivadas pelo aumento das tarifas de ônibus nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, mas logo se apropriou de outras pautas, como a insipiência dos serviços públicos, os extensos gastos com a Copa do Mundo e a insatisfação com o sistema político em geral. A pluralidade de pautas decorre de uma ambivalência na qual os sujeitos são colocados: a manifestação política que é, essencialmente, um ato coletivo, quando dominada pela lógica do mercado e das satisfações pessoais, se torna um ato individual.

A ambivalência, anteriormente citada, presente no engajamento dos jovens, corresponde a perversidade da paisagem da sociedade. Em uma época de uma cidadania minguada, em que o mercado é tudo, inclusive política, sobra muito pouco espaço para a transformação. A isso podemos denominar “transpolítica”, que é a política mesclada a uma lógica de consumo incapaz de mudanças significativas, fruto do hiperindividualismo dos tempos pós-modernos. (QUEIROZ, 2014).

Por outro lado, há perspectivas que apresentam pontos divergentes das ideias anteriores. Por exemplo, de acordo com o historiador e ensaísta político, Perry Anderson (2015) o que politiza e mobiliza as pessoas é a realidade na qual as coisas pioram ao invés de melhorar. Não é a esperança de crescimento, mas sim o sentimento de injustiça. O que gera eventos que dão início a explosões políticas normalmente são apenas questões de injustiça, sem uma noção clara do que poderia ser mudado, apenas uma forte sensação de “isso é intolerável”. Para ilustrar a ideia, o historiador descreve o início da Primavera Árabe, quando um vendedor de frutas que estava sendo perseguido e maltratado pela polícia local e se auto imolou deixou a população indignada com a injustiça, e esta passou a protestar.

## **O ódio no Brasil**

Sérgio Buarque de Holanda é o teorizador do homem cordial – o brasileiro. Cordial, *cordis* (lat.) coração, logo, o homem cordial seria um ser mais emocional, sentimental. Numa leitura conservadora, o homem cordial, então, negaria a violência e a capacidade de manifestar sentimentos negativos como o ódio e o racismo. Todavia, o historiador afirmou que o brasileiro é um homem que age pelo coração, então toma atitudes baseadas na emoção. Dessa forma, o ódio no Brasil também é cordial, isto é, o ódio do brasileiro age



passionalmente. Em 1936, quando “Raízes do Brasil” foi escrita, o mundo ao redor era profundamente voltado ao ódio, enquanto o país estava, aparentemente, distante de guerra, e parecia que, comparado com o que acontecia ao redor do mundo, o Brasil era estável e próspero. Isso ocultava o fato que os desenhos de Debret mostravam. Não são cenas de um país pacífico a repressão ao Quilombo dos Palmares no século XVII, na forma tão infame em que se mata Zumbi, na própria instituição da escravidão, ordem tão violenta. Também não é cena de um país harmônico a dura repressão a Canudos, a maneira com que se executou todo o Arraial. (KARNAL, 2013)

A história do Brasil é assolada por violência, torturas e conflitos. Mesmo assim, de acordo com o historiador Leandro Karnal (2013), os livros de história brasileira nunca usam o termo guerra civil em suas páginas. Preferimos dizer que guerras que duraram dez anos, como a Farroupilha, foram revoltas, “insurreições”. O termo “guerra civil” nos parece muito “exagerado” – “coisa de argentino”, “movimentos liberais”, “colombianos e sua guerra dos mil dias”, “norte-americanos que durante os anos de 1861 a 1865 seiscentas mil pessoas foram mortas” – muito “violento” para um povo tão “pacífico”. Se guerra civil é a guerra entre pessoas de um país contra pessoas do mesmo país, temos vivido sistematicamente, episódios de guerra civil, disfarçados ou iminentes. Vivemos com frequência a “guerra civil”, apesar de evitarmos a denominação da violência. O brasileiro usa eufemismos para evitar tocar no assunto violência. Nas ruas brasileiras, matamos quase um Vietnã por ano, nosso trânsito mata mais que um país em guerra. Isso não costuma gerar protestos revoltados na internet. Tampouco, alivia as mortes por arma de fogo que também tem crescido ano a ano. E, apesar de estar no senso comum do brasileiro de que não há racismo no país, morrem 133% mais negros do que brancos no Brasil.

A questão crucial da história brasileira é que a violência é do outro. A ideia de que nós, nossas famílias ou nossa cidade são *locus* de civilidade em meio a um país bárbaro é extremamente comum no Brasil. Para o brasileiro, a violência é sempre um espanto, sempre inexplicável, uma vez que ela nunca parte do próprio indivíduo, mas sim, do outro. Construimos, paralelo a isso, que há lugares sem males. A direita idealizando um passado improvável, e a esquerda um futuro dizendo que tudo pode ser perfeito se houver uma revolução. (KARNAL, 2013)

Vivemos uma sociedade “falocêntrica”, uma sociedade de pensamento masculino. Valorizamos quem mostra força, e manifestar ódio é mostrar força. O ódio no Brasil, além de conferir unidade, confere força, dinamismo e ação. Somos capazes de noticiar grandes



desmatamentos, mas não anunciamos florescimento. Temos uma natural resistência ao pacifismo e ao mesmo tempo, apesar de não reconhecermos, possuímos um ódio generalizado. Além disso, gostamos desse ódio, ele nos dá identidade, nos chama atenção, e nossa fofoca é sempre negativa – as manchetes nos jornais raramente costumam mostrar notícias boas.

Karnal relembra a ideia de do filósofo francês Alexis de Tocqueville, dizendo que a democracia não é a garantia da felicidade na terra. De acordo com o filósofo, não existe nenhum sistema político perfeito, uma vez que é empreendimento humano, e a natureza humana é falha. “Tudo que o homem for fazer será falho, ele é por natureza falho. Então todo sistema político será falho”. (TOCQUEVILLE, 1987)

Na visão hobbesiana, a natureza humana é falha e nela há maldades. O Estado seria a tentativa de regular a maldade do ser humano. E, de alguma forma esse Estado deve atender as pessoas como iguais, mesmo elas sendo diferentes. A natureza humana é diferente em si. Outro elemento observado por Hobbes ao analisar os indivíduos em sociedade é que, diferentemente das demais criaturas, o homem só é feliz quando se compara aos demais, fato este que justifica a sobreposição dos interesses individuais em detrimento do interesse comum em diversas situações, ainda mais em se tratando do interesse individual do soberano. (HOBBS, *apud* TOCQUEVILLE, 1987)

Tocqueville (1987), observando outro contexto, analisa o interesse público com algumas distinções de Hobbes. Para ele, o interesse é uma característica do regime democrático uma vez que diz respeito ao associacionismo, à capacidade de autogoverno e à prática de buscar soluções para problemas coletivos, o que implica na expansão do privado para o público. Assim, o Estado é visto como uma continuidade dos problemas individuais e deve buscar em seus atos a defesa do bem público com o objetivo de beneficiar determinada coletividade. Em *A Democracia da América*, ele observa vantagens no regime democrático como as leis que devem beneficiar a maioria dos cidadãos, a possibilidade de reparação de erros e principalmente, servir ao bem estar do maior número possível de indivíduos. Como desvantagem, Tocqueville (1987) destaca que tais leis tem a possibilidade de serem incompletas e defeituosas.

A noção de democracia se baseia, principalmente, na ação política dos cidadãos porque, segundo o autor, é a partir da participação popular que se torna possível à coletividade lutar por suas demandas. O interesse público é uma característica do regime democrático, principalmente, porque diz respeito à busca de soluções para problemas coletivos e que

dependem diretamente da articulação entre o público e o privado. Assim, cabe ao Estado e à sociedade defenderem o bem público de forma a beneficiar toda a coletividade em questão. (TOCQUEVILLE, 1987)

República, do latim *res publica*, significa coisa pública, e política, do grego *politikos*, significa "de, para, ou relacionado a grupos que integram a *Pólis*. Por extensão, *pólis* poderia significar cidade-Estado, sociedade, coletividade e outras definições que se refiram a vida urbana. Discutir política, portanto, significa, em primeira instância, discutir a coisa pública, discutir aquilo que interessa a todos. No entanto, os partidos políticos, por sua vez, apresentam interesses relacionados com a coisa pública mas também interesses que não conversam tanto com o público, mas sim mais nos desejos de cada partido, apresentando porosidades entre as duas esferas.

Os partidos políticos cujas funções e características são semelhantes às de hoje, surgiram na Inglaterra em 1832, nos Estados Unidos em meados de 1836, e na França associados à revolução de 1848. Em geral, cada partido possui uma ideologia definida. Apesar de que, o pensamento de direita e de esquerda não necessita de um partido obrigatoriamente.

No Brasil, houve um descolamento nos últimos anos entre os partidos e as ideologias partidárias. Por exemplo, PT e PSDB vieram da mesma raiz, ideologicamente as diferenças entre os dois são pequenas – a mentalidade política foi desaparecendo e o partidarismo crescendo, os grupos se tornaram “inimigos” – fruto de uma disputa pelo poder e falta de uma reflexão política. E é nesse cenário, que nos últimos tempos tem se movido entre a esfera das manifestações públicas para os meios digitais que nos voltamos agora.

### **Análise netnográfica**

No Facebook, foram observados discursos com conteúdo político e discussões de diferentes intensidades. No entanto, alguns pontos mostraram-se mais corriqueiros enquanto outros contundentes. Para melhor compreensão do objeto estudado, decidimos analisar as postagens em três categorias que são: amizades líquidas, violência e o Facebook como palco de discussões políticas. Para esse artigo, foram escolhidos dois casos para demonstrar nosso problema e hipóteses de pesquisa.

## Caso 1



Figura 1 Print do caso 1

Esse caso mostra, de maneira evidente, a questão levantada por Bauman, em sua análise da sociedade contemporânea, que identifica as relações a partir do *input* e *output*, isto é, as conexões podem ser feitas, desfeitas e refeitas. Os indivíduos estão sempre aptos a se conectarem e desconectarem conforme sua vontade, e é o que ocorre nesse caso. Quando desconfortável ao observar posições políticas de outras pessoas em sua rede social, Edson desfaz a conexão com essas pessoas. Além disso, nomeá-los como “fascistas”, nesse contexto, é uma forma de violência, uma vez que coloca o outro numa posição política totalitária, o que, de certa forma, significa “demonizá-lo”. Assim, o Facebook se torna um palco para discussão, mas ao invés desta se basear no diálogo, fundamenta-se na pura e simples manifestação da opinião dos indivíduos. A partir do observado nesse caso, podemos identificar as três categorias que norteiam a nossa análise.

## Caso 2



Figura 2 Print do caso 2

Na segunda postagem analisada, observamos uma forma de violência particular. Nesse caso, ela se manifesta na forma de “trincheiras virtuais”, em que os indivíduos separam-se uns dos outros usando a metáfora da rua. Em outras palavras, “minha rua é outra” é uma forma de segregação. Além disso, observa-se as animosidades e conflitos característicos das relações líquidas nas falas de Edson e Lund.

Por outro lado, observa-se uma “abertura” para o debate político que tem o Facebook como palco. No qual, apesar das tensões e conflitos entre as pessoas, elas podem colocar suas opiniões, questionar ou concordar com outras e assim, gerar um debate político viabilizado pela rede social. No entanto, questiona-se a funcionalidade de tal debate, uma vez que a interação, por vezes, tem um tom agressivo. O “efeito” desse post é, aparentemente, evidenciar a separação do outro pelo entrincheiramento dos participantes em suas posições político-ideológicas. Percebemos que a nossa análise alinha-se às ideias de Karen Armstrong (2015), quando a autora afirma que, atualmente, há a necessidade de derrotar e humilhar os oponentes na conversa, seja no mundo político, nas redes sociais ou no mundo acadêmico.

### Caso 3



Figura 3 Print do caso 3

O ódio no discurso de Alexandre nesse caso é evidente. A forma agressiva é observada na expressão “tem que bater nessa vaca” e no reforço da violência no comentário de Angela. Além disso, esse ódio não está ligado a nenhum aspecto coletivo ou partidário, este é direcionado a pessoas. Dessa forma, o debate de ideias é esvaziado, e as opiniões pessoais sobre candidatos Dilma e Aécio tomam lugar, sem levar em conta o partido ou a ideologia que os movem. Discutir política deveria significar, numa primeira instância, debater sobre a *res* pública, aquilo que interessa ao coletivo. Fato este que poderia levar em conta ideologias partidárias, necessidades coletivas tais como questões econômicas e sociais. Todavia, nesse caso, ocorre uma discussão impregnada de ódio e de opiniões particulares, o que nada agrega ao debate político.

### Considerações Finais

As ideias de Bauman acerca da individualização e da liquefação das relações sociais se mostraram presentes nos casos analisados. Foram observados debates com conteúdo político, que se resumiu a uma discussão sobre indivíduos, e não um debate sobre ideias. Sendo assim, a discussão de ideias é esvaziada, e as opiniões pessoais se evidenciam, não levando em conta o cerne do debate político. Nos casos analisados, as propostas políticas, as preferências partidárias e as ideologias deram lugar a violência, a dicotomias que desaguaram no abalo ou fim das conexões virtuais.

Apesar do ódio, e em alguns casos o debate apresentar-se incipiente, sem conteúdo e repertório conceitual desde essas discussões do ano passado, muitas pessoas passaram a ter uma postura diante da política partidária brasileira. Mesmo quando alguém apaga pessoas do

Facebook, chamando-as de fascistas e por isso não mais irá tê-las em sua rede de amigos – que corresponde a um dos casos em análise - o indivíduo que tomou essa atitude se assume como ser político. Embora tenha-se na internet essa fluidez, liquefação da realidade, essa realidade esgarçada, no momento em que as pessoas estão interagindo a discussão é real – embora no mundo virtual – e relevante, uma vez que ela mobiliza as forças políticas representadas na sociedade.

Retomando nossas hipóteses, visualizamos que o Facebook tem se tornado um importante espaço de discussão sobre conteúdos políticos. Todavia, este espaço virtual, líquido, plasmado e imerso numa torrente de informações, não escapa dos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea. As redes sociais, como o Facebook, ao menos nos debates sobre política observados, deixam transparecer o nosso lado sombrio.

## Referências

- ANDERSON, Perry **A origem das Manifestações Políticas**. Entrevista. *Fronteiras do Pensamento*. Produção Telos Cultural. Produção Audiovisual Okna Produções, 2015. 2’56’’. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JcRtyM4xyQQ>>. Acesso em junho de 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- \_\_\_\_\_. **Em busca da Política**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.
- HOBBS, T. **Leviatã, ou, matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martins Claret, 2009.
- KAREN, Armstrong. **A perda arte do diálogo**. Entrevista: Karen Armstrong. *Fronteiras do Pensamento*. Produção Telos Cultural. Produção Audiovisual Okna Produções, 2014. 4’46’’. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?t=54&v=Y\\_aRxiFJEVk](https://www.youtube.com/watch?t=54&v=Y_aRxiFJEVk)>. Acesso em junho de 2015.
- KOZINETS, R. V. **The Field Behind the Screen: Using Netnography**. *Marketing Research in Online Communities*, 2002.
- TOCQUEVILLE, A. de. **A democracia na América**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other**. New York: Basic books, 2011.